

QUARTA-FEIRA
Lisboa--25 de Março de 1931

5 TOSTÕES

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

213



sempre fixe

semanario
humoristico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

FORJAZ DE SAMPAIO



Esse homem diz a que de sua de mão alguns livros para o mal de sua "academia" de "prosa vil" em torrentes de "palavras cinicas". No livro "Ministerio do Comercio", o ministro é a pena-lanchete, que depois de ter valor improprio, lhe encanecem as portas da Academia.



Os ditos da semana



Parca ou Porca? Na Costa do Valado, Maria Parca, casada com Daniel Caseiro, deu á luz sete creanças do sexo feminino, todas mortas, segundo noticiava ha dias o «Diario de Noticias».

Mas a parturiente realmente se chamará Maria Parca? Alguma coisa deve estar errada: ou o apelido, ou o numero de filhos, porque apresentando sete raparigas duma só ninhada, ninguem acreditará que ela seja efectivamente parca. Ou isto de Parca referir-se-ha ao facto das sete creanças terem sido ceitadas a nascença pela terrivel Parca?

Nos, porém, temos a impressão de que se trata apenas dum erro tipografico e que em vez de Maria Parca se deveria ler Maria Porca, porque as porcas é que costumam dar ninhadas de sete bacorinhos.

Seja como fór, uma coisa esta evidentemente certa: o nome do marido—Daniel Caseiro. Caseiro e muito caseiro sem duvida.

Eugenio de Castro Mais um volume das «Obras poeticas» de Eugenio de Castro, acaba de vir á luz. Felizes obras estas que, em vez de morrerem, tornam a nascer, desmentindo flagrantemente as leis da natureza. Contem este volume «Poesias de Goethe», «O Filho Prodigio» e «O Cavaleiro das mãos irresistiveis»!

Cavaleiro das mãos irresistiveis é o poeta cujas mãos tocando de leve uma folha de papel, nele fazem desabrochar em mimo e em graça, a graça dos seus poemas admiraveis. É filho prodigo é ele que desbarata talento e beleza, perdulariamente, sem que todavia tenha de voltar ao lar arrependido e constricto, porque é inexgotavel o seu estro.

Mulheres cunhadas O Brazil vac prestar homenagem a Miss Universo, fazendo-a cunhar na nova moeda.

Duradoira e significativa homenagem! Efectivamente não ha razão alguma para que se não leve até ao ouro, á prata, ao cobre e ao níquel, a vera effigie da rainha da beleza universal.

Pena é que não nos seja permitido prestar igual homenagem ás mulheres a quem dedicamos o nosso amor, a nossa vida e até o nosso no-

me. Ali, perpetuadas no bronze incorrutivel! E um dia quando a gente se aborrecesse e já não estivesse para as aturar, tudo se simplificava. Nem divorcios, nem separações, nem brigas, nem quisilias. Agarrava-se nas moedas e trocavam-se, se ainda valessem alguma coisa. De contrario davam-se aos pobres.

Opiniões O conde de Keyserling, que recentemente nos visitou, foi lá para fóra dizer que os portugueses não são alegres como pretende a cançoneta. Achou-nos melancolicos, nostalgicos, abatidos e tristes.

Ha coisas que os homens, ainda que sejam sabios, não podem apreciar. Pregunte o conde de Keyserling ás suas compatriotas o que pensam do nosso caracter e verá que todas aquelas que já cá esti-

veram, não nos acham assim tão melancolicos, tristes e abatidos.

Isto ás vezes depende tudo do ponto de vista onde uma pessoa se coloca.

O que mais nos espanta é que os franceses tenham entendido o conde de Keyserling.

O Amor vence... O sr. José Viegas fez a sua estreia literaria com a novela «O Amor vence» que nos enviou acompanhada do seguinte bilhete:

José Francisco Viegas

Al. do Instituto de Sciencias Economicas e Financeiras

considera-se agradecido, se além da critica que o livro merecer, V. Ex. desprezar um pouco mais de tempo para salutareis e doutos conselhos

TAVARES DE CARVALHO



Das notas do cartorio ás notas do Banco. O seu deuto parecer, que no notariado é uma «escritura», na direcção de Lisboa & Açores avaliará os lucros e os prejuizos. «Compre V. Ex. desprezar um pouco mais de tempo para salutareis e doutos conselhos supra, ou não os achará parecidos?»

Vamos fazer-lhe a vontade.

Como o tempo não é muito, nem sempre nos é possível ler integralmente as obras que nos enviam, mas para não deixarmos de lhes fazer referencia, adotamos um sistema que sempre nos tem dado os melhores resultados. Abrimos a obra ao acaso e atiramos-lhe para cima um punhado de feijões. Simplifica-se assim o trabalho. Depois é só passar a vista pelos periodos atingidos pelos feijões.

Esta experiencia costumamos fazela com feijão branco, mas quasi sempre, os feijões nos aparecem amarelos, verdes, encarnados e até alguns já nos teem aparecido de calças pardas.

Foi o que hoje fizemos e aqui damos ao leitor o resultado da caçada dos feijões. Transcrevamos:

«Prefiro a morte a continuar perseguindo ansiosamente a ventura que nos foge.»

«Deus te ouca. Eu não te impido.»

«Ainda ha pouco te prejudicavas se saisses do moitido; sempre empino.—disse-lhe aparentemente rebeldia.»

«Conformemo-nos a ela»...

«Escondem-me o quer que seja que me amorrinha e aguilha a indiscrição.»

«O par, esquipatico contraste desta ramerrôsa vida de faqueiras doçuras»...

Agora o conselho salutar: —Passe os olhos pela gramatica, sr. Viegas.

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas.	{	Ano: 26\$00
		Semestre: 13\$00
		Trimestre: 6\$50
Colonias portuguezas.	{	Semestre: 15\$00
		Ano: 30\$00
Estrangeiro.	{	Ano: 34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor intelligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Então, agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

O Sr. Prior, no Trindade, apresenta mais um atractivo. No acto do Papa, pela radiofonia, é tocado um novo fox.

Brevemente, neste acto, estreia-se uma parolha de ballarinos de grande renome no estrangeiro. Eri-co Braga imitará Chevalier.

■ ■ ■

LAMENTAMOS, profundamente, que um empresario que anda muito na provincia não tenha mais altura, porque ficava um verdadeiro mimo...

■ ■ ■

DADA a impossibilidade de cortar o nariz, desistiu de fazer de Cristo, no Gimnasio, o tenor Sales Ribeiro.

■ ■ ■

PALMIRA Bastos estreia-se, no Nacional, com a Fuga, peça franceza, traduzida por Fernanda de Castro.

O quê? A illustre artista já pensa em fugir da scena portuguesa?

■ ■ ■

MARIA Matos, na sua festa artistica, realizou uma palestra humoristica, intitulada: Como se faz uma sogra.

Não lhe devia ter sido difficil!

■ ■ ■

A revista Toma Teresa andou a ser adiada de dia para dia.

Foi bom que não tornassem a adia-la porque o publico podia dizer: Toma, Teresa! e voltar as costas ao teatro.

■ ■ ■

AURA Abranches vai interpretar no teatro Avenida a peça Ela... ou o diabo.

Preferimos: ela!

■ ■ ■

NA peça O Fim da Jornada, a

atriz Maria Matos não fará, como se pode supôr, uma sogra. Faz muito simplesmente, em travesti, um soldado alemão feito prisioneiro, que é assim uma especie de sogro para fazer rir o publico.

■ ■ ■

O almoço a Matos Sequeira tambem teve o seu lado espirituoso.

Três quadras feitas a Beatriz Costa, a primeira por João Bastos e as duas restantes pelo dr. José Galhardo:

O Nortinho da Bemposta
Disse ao voltar de Lisboa:
— Nunca bi actriz tão vòia
Como a dona Viatriz Costa!

Beatriz! O nome diz
Do que a dona é predisposta:
Gosta de ser Beatriz
e de ser bi-actriz gosta...

Noite de Nupcias! Ai, qu'rida,
Eu qu'ria, mas não consigo,
Fazer a «sério» na vida
Aquele «fita» comtigo!

■ ■ ■

VARIOS artistas do nosso teatro aguardam anciosamente o final da publicidade feita á volta de dois conhecidos comediantes.

Caso dê resultado, é intenção deles fazer uma publicidade no mesmo genero...

■ ■ ■

PINTO Grijó, na noite da ultima representação do P. S. P., no Avenida, voltou-se para o tradutor da peça e disse-lhe:

— Pronto, seu Palmeirim!...

A empresa do Maria Vitoria está no proposito, caso as enchentes naquele teatro continuem, de fazer três sessões por noite, apresentando-se o nosso colega de imprensa Carlos Leal de irresistivel, a cantar tangos...

■ ■ ■

UM actor e um costumier estão escrevendo uma revista.

Podemo, acrescentar a noticia, dizendo que o guarda-roupa será de Lino Ferreira.

Esta só na... Nossa Terra!

■ ■ ■

AINDA o Sales Ribeiro.

Foi por não ter chegado a um acôrdo com a empresa do Gimnasio, que ele recusou o papel de Cristo.

Já sabemos que Sales Ribeiro é um artista senhor do seu nariz...

■ ■ ■

DIZ-SE que está sendo organizada para um teatro de Lisboa uma companhia de revista só com mulheres, sendo a orquestra tambem composta de elementos do sexo fragil.

Cuidado! Olhem que o diabo não quiz nada com as mulheres...

■ ■ ■

MARIA Helena e Georgina Cordeiro fazem hoje uma festa as duas.

Quer dizer: é meia festa de cada uma. Enfim, é pouco. Mas sempre é melhor de que coisa nenhuma...

■ ■ ■

A' ultima hora, dizem-nos que a empresa do Maria Vitoria resolveu fazer 12 sessões por dia com a revista Zaz-Traz-Paz.

Carlos Leal fará os comperes em 12 posições!...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.

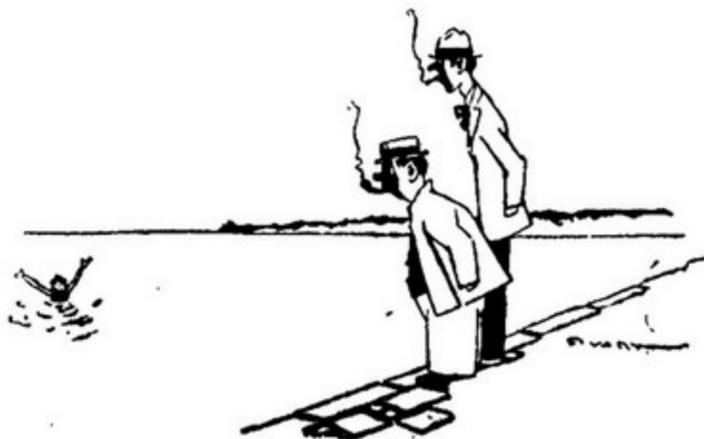
Higiene da boca



--- Tem escovas de dentes?
--- Que qualidade deseja V. Ex.?
--- Que sejam resistentes. Somos oito pessoas lá em casa...



--- Parece-me que o sr. Costa é um grande entendido em musica classica...
--- Não se importe com isso, minha senhora, póde continuar a tocar.



--- Sabes uma coisa? Eu era capaz de lhe acudir porque sou corajoso mas infelizmente não sei nadar.
--- Pois não, meu velho, eu então sei nadar, mas infelizmente não sou corajoso.

Graça dos outros

No restaurante:

O marido: — Como! Trinta mil réis por um prato de coelho!

O criado: — Mas era um coelho muito especial...

A mulher: — Não ha duvida! Encontrámos três cabeças na travessa...

* * *

No camiseiro:

O freguês: — Queria uma gravata escura que ficasse bem com o meu fato.

O caixeiro: — E porque não escolhe uma vermelha para lhe dar com a côr do nariz?...

* * *

Na taberna:

O garoto: — Meio litro de vinho para a minha avó!

O taberneiro: — Tinto ou branco?

O primeiro: — Tanto faz; ela é curta de vista...

* * *

Em frente duma loja de chapéus:

O marido: — O que dizes tu?

A mulher: — Que, se tivesses morrido, comprava agora aquele lindo chapéu preto que está ali na montra...

* * *

Entre amigos:

— Porque estás tão triste?

— Perdi dois milhões!

— Como assim?!

— Pedi a mão da filha dum milionario, que m'a recusou...

* * *

No consultorio do dentista:

O ajudante: — O sr. doutor tem hoje uma cara aborrecida!

O dentista: — E tenho motivos! Está ali na sala uma rapariga a rir-se, com uma dentadura que não foi feita cá em casa...

* * *

— Leste ultimamente algum livro bom?

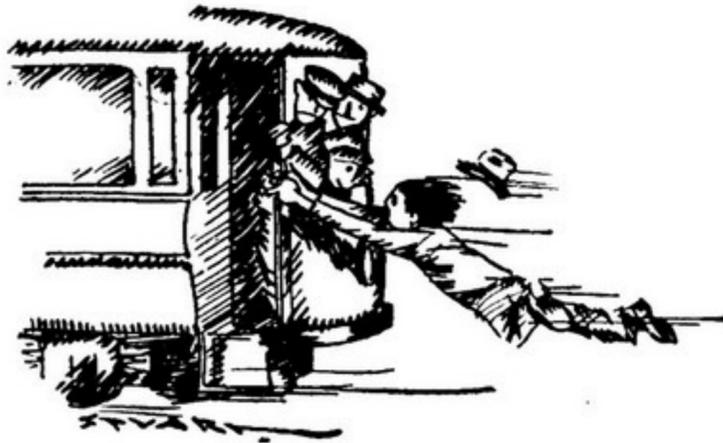
— Não! Ha mais de seis meses que não estou doente...

* * *

Ela: — E o acidente de que foi vítima o João tem importancia? Parece que ficará muito tempo no hospital.

Ele: — Porquê? Falou com o medico?

Ela: — Não, mas vi a enfermeira...



— Já lhe disse que é proibido ir no estribo do carro. Se telma pãro o carro...

O "FRANCIU"

Aqui está uma coisa que muita gente gosta de fazer e de mostrar que sabe fazer. «Falar estrangeiro» é um prazer para muitas pessoas chics. Declarar que sabe «falar estrangeiro» é uma alegria para muitas meninas Pires. E então agora, com o cinema sonoro, é vê-las, a umas e a outras, dar mostras patentes de que compreendem tudo quanto os actores dizem no écran, — mesmo quando, por milagre de Deus, não compreendem absolutamente nada do que os actores dizem...

Desta pretensão estulta e snob resultam, por vezes, coisas engraçadíssimas. Algumas, para amostrear:

Quem sabe, por exemplo, o que é *fromage de prendre*? Quem sabe francês não percebe do que se trata; mas quem sabe tanto francês como o conhecido jornalista que inventou esta frase deliciosa, não terá dificuldade alguma em compreender que se trata de *queijo de... Tomar!*

O nosso amigo «Reporter Y», (que não é o inventor do *fromage de prendre*) falava outro dia das «Arts Décoratives». O redactor que tal escreveu demonstrou que também sabia «falar estrangeiro»; o que não admite, porém, é que Arte, que em português é feminino, seja em francês masculino, e, por consequencia, não quiz escrever como os franceses escrevem: «Arts Décoratifs».

Passemos sôbre a «hora-ver-

mouth», que aparece agora nos anuncios teatraes. Esta não é bem tolice: é uma petulancia semelhante àquela, já celebre (graças ao *Fixe*) dos «mannequins habillés» por Madame X, que foram «chapeautés» por Madame Y. — Presunção e agua benta, cada qual toma a que quere...

A *moi viens tu de char-ete*... Sabem o que é? Muito simples: tal qual o que lá está; e se um francês não perceber é porque sabe menos francês do que nós, portugueses. Pois não se está mesmo a vêr que *para mim viens tu de carrinho*?

Mas ha melhor. Aquele amigo que, precisando bastante de falar a um outro, logo que o encontra (era em Paris) lhe desfecha á queima-roupa: *encore bien que je vous trouve*... Não perceberam? E' facil: *encore* quer dizer *ainda*; *bien* quer dizer *bem*; *que* quer dizer *quer*; *je* quer dizer *eu*; *vous* quer dizer *você*, e *trouve* quer dizer *encontre*... Aqui está: *ainda bem que o encontro*.

Mas o mesmo cidadão tem melhor ainda. Assistindo a uma scena de pugilato (sempre em Paris) entre um amigo e um inimigo, não cessava de entusiasmar o amigo, enquanto este estava na «mô de cima»: *Arrive-lui qu'il bouge encore*... Esta não precisa de explicações. E' aquilo mesmo qu' aí está, e toda a gente compreenderá, á primeira vista, (excepto os franceses, está claro) que a frase significa em português: *Chega-lhe, que ainda mexe*...

E agora, para fechar esta pequena antologia das nossas tolices, o caso daquela senhora que contava ás suas amigas que, numa reunião do *corsage diplomatique*, tinha dito á filha da ministra de França:

— *Vous êtes delà une grande fille, et vous serez dans quelques jours une sage-jemme!*

... E a pobre senhora, depois de ter dito um tão lindo galanteio á filha, não compreendeu porque a ministra lhe fez uma cara tão espantada!

E mais esta, também, enquanto se não acaba o espaço:

Um politico português foi a Paris e visitou o Presidente da Republica, por concessão muito especial. A certa altura da conversa, não sabendo que dizer mais, o Presidente perguntou-lhe:

— *Vous êtes seul à Paris?*

— *Non* — respondeu o nosso politico. — *Je suis avec l'Anne.*

E como para o ouvido dum francês *Anne* (nome da esposa do nosso politico) se confunde com *ane*, o Presidente ficou muito admirado, não sabendo porque um politico tão eminente se fazia acompanhar por um burro para ir a Paris...
MYSELF

Um caso estranho

«Um caso de bestialidade. — Em Pulana, filha do abastado comerciante Pulano, deu á luz três cãesinhos. Mãe e filhos encontram-se bem. O caso tem sido muito comentado e discutido, etc., etc.

(Dos jornais).

Aí está mais um produto da carestia da vida. Os casamentos teem naturalmente diminuido, porque ninguem se abalança a constituir familia num periodo de falta de fartura como este. Um solteiro já se vê em serios embaraços para se aguentar no balanço economico, quanto mais procurar ainda uma cara metade para ser a massa reduzida a metade e a despesa pelo menos dobrada. E d'áí uma crise terrível de mancebos matrimoniais. E', portanto, natural que, na falta de entes da mesma especie, se procurem os doutra para constituir familia, que fica, como no caso da noticia, logo de começo bastante numerosa.

De esperar é que a moda pegue e a coisa comece a tornar-se corrente e que daqui a pouco, além dos cães, sejam escolhidos os gatos, os macacos e por aí fóra mesmo outros mais corpulentos, segundo as predilecções de cada qual.

Porém, que de scenas estranhas se poderão dar então!

Por exemplo:

O patrão para o criado:

— Que barulho é esse lá dentro?

— São os netos de v. ex.ª que estão a ladrar.

D. Balbina para uma visita que entra gemendo, agarrada ás canelas:

— O' minha querida amiga, mas o que foi isso?

— Ai, minha senhora, foi o seu genro que, logo á entrada, me deu uma parolha de coices.

A menina da noticia supra, depois de casar segunda vez, para uma amiga:

— O meu primeiro marido, o Joly...



— Roubel esta cadeira e paroco-me que é D. João V.
— Oh filho! e que hoje deixa alguma coisa sãe apenas os bar-

cos.



— Acho que tenho direito a uma redução na conta, sr. doutor

— Não vejo razão para isso.

— Ora essa! meu marido foi quem pegou a gripe ao predio todo...

Leram amanhã o

fixe

Cacharolete

A menina Gabriela,
Que vai fazer oito anos,
Pegou no arco e na pella
E foi co'a mestra e co'os manos
Brincar p'r'ó Jardim da Estrela;

Eis que encontra no caminho
Uma dama conhecida,
Que empurrava num carrinho
Um gorducho bebésinho,
A quem beija enternecida;

Depois de mirá-lo bem,
Pregunta com ares corteses
Que idade o menino tem;
Ao que a deleitada mãe
Responde que tem três meses.

E então, armando em senhora,
Diz ela de afogadinho:
— «Que creança encantadora!...
Como é forte! Como é loura!...
E é o seu ultimo filho?...»

Censurava-se á linda Ester
Ter aceitado por esposo,
Sendo tão bela mulher,
A um banqueiro qualquer,
Feio, calvo e adiposo:

E, com graça e com verdade,
Maldoso insinua alguém:
— «Ha nele uma qualidade
Que a sua cara metade
Já demonstrou que não tem...»

E um circunstante que ouvia
Deixou transparecer no rосто
A duvida que sentia
P'lo que o outro garantia:
— «Não sei qual seja!»

— «Bom gosto».

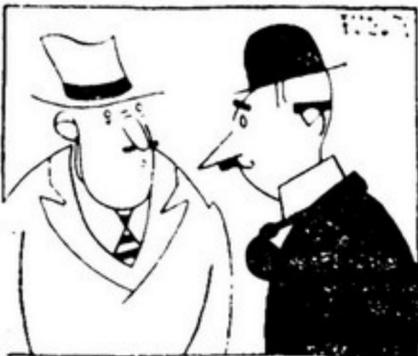
JOÃO FERNANDES.

Vêm agora do Japão
noticias de sensação.
Dizem-nos que Yoshiwara,
pessoa valente e rara,
jornalista, aviador
e outras coisas de valor,
prepara o feito terrífico
de atravessar o Pacifico,
descolando do Japão
num solido «passarão».

Toquio, Kamtchata, Alaska,
á terra da boa «lasca»,
S. Francisco e Hollywood,
como se fósse no «Sud»
de Lisboa até Paris
encomendar um petiz!

Assombram tais aventuras
de almas valentes e duras,
mas se á America chegar,
indo do Japão p'lo ar,
mostrará o Yoshiwara
que sabe onde tem a cara,
e o «amarelo», hoje em dia,
é gente e tem «senhoria»...

O HOMEM DOS TIMBALES.



— Foi durante o incendio. As
chamas pegaram-se ao vestido...
— Morreu queimada?
— Não, os bombeiros acudiram.
Morreu... afogada.

BARBIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera



— Ora o senhor que é um tecnico queira demonstrar a este
cavalheiro o que é fogo de bengala.

VERSALHADA

Aos «Amigos»

Que fui? Quem sou? Que hei de inda ser um dia?
Que fui?... Sei lá! Diz Darwin — que macaco;
mas gorilla, planeta, orquídea ou caco,
tanto faz como fez... E' ninhará.

Quem sou?... Agora a coisa é mais sombria.
Homem sou eu; mas homem de pataco,
muito esperto talvez, talvez velhaco,
mas não tanto como eu desejaria...

Que hei de inda ser?... Oh Deus, quem o soubes?
Este meu corpo, que não cresce e medra,
sei lá o que ha de ser!... Mas uma prece

cu ergo aos fados prodigos e antigos:
— Queira o destino que eu renasça pedra
com que alguém apedreje os meus amigos!

ANTONIO AMARGO.

A' letra

Esta passou-se ha já uns poucos d'anos
Num palco de Lisboa,

Entre dois jornalistas, dois mundanos,
E uma corista a «presumir» de boa

Passemos a contar:
«Tinha findado o acto duma peça
De «faca e alguidar»

Daquelas que nos põem a cabeça
Sem governo. Por entre bastidores
Andava a grande faina da mudança.
Coristas, carpinteiros e actores,
Ninguem parava numa contradança.
A um canto, falavam, desprezidos
Do bulício geral,

Os tais dois jornalistas divertidos,
Colegas na paródia e no jornal.
Nisto, surge o terceiro personagem,
Uma corista feia como um «bode»,
Que mais parecia a repelente imagem
Duma furia. Sem dentes, com bigode,
Mas que, apesar de tudo, tinha pose
E encobria com pastas d'alvalde
Um nariz de medonha fealdade.
Que sugeria logo psitacose...
Vinha pitaca como as d'hoje em dia,
Destas a que se chama «drogata».

Houve apresentações
E um doles, qu'rendo gosar um bom becido,
Arregalando os olhos marloves,
Assim cantou o fado:

— «Dona Amelia Longunhos! O senhor
Melo... camaradão e bom rapaz,
Exercendo o mister de engraxador
... numero vinte e três, Rua da Paz...
E deixou-os aos dois em cavaqueira.
A certa altura, a boa da corista,
Querendo sondar as notas Ca carteira
do Melo, assim pergunta ao jornalista:
— «Com respeito ao negocio de engraxar?
Isto é uma coisa que deve deixar!»
E cío, fitando nos olhos a mulher,
Uns olhos ranciosos, «chatozinhos»:
— «Está p'la hora da morte «ceto mister»!
E' que 'ov colros, agora, andam pintados!»

ELSONANDES.

Padeiros

Ha dias, o meu freguês,
Pilhando-me, descuidado,
Mostrou-se todo cortês
E, pela primeira vez,
Deu-me o pão sem ser pesado.

Numa balança de casa,
Dentro em pouco eu descobria
Que o peso não 'stava á raza;
E num pulo, ardendo em braza
Corro logo á padaria.

Cheguei, e vejo a mulher
(Moçoila d'ares nada pécas)
Que um cabaz la vender,
Cheio até mais não poder
De rósas e papos-sêcos.

Fi-la voltar para traz,
Visto não 'star mais ninguem;
E, furioso e mordaz,
Fi-la arriar o cabaz,
E... arriá-o tambem!

Deu-me uma furia tigrina
De escavacar tudo a esmo;
E ora em grita, ora em surdin,
Ameacei a menina
De que a prendia all mesmo.

Mostrei-me fero, danad.,
Falei d'alto, rijo e teso;
Bradando, em tom inflamado
Que o pão não fóra pesado
E que qu'ria o contrapeso.

CELIMARNO.

Elevador da Gloria

Á mulher: — Já encontraste em-
prego?
O marido: — Já, sim! A'manhã
podes ir trabalhar...

★ ★ ★

No dentista:
O mecanico: — E' preciso por
uma ponte para evitar maiores
males...
O freguês: — Uma ponte? Ha
alguma passagem de nível?...

★ ★ ★

— Meu marido está na India a
caçar tigres!
— E tem tido sorte?
— Muita; ainda não encontrou
nenhum...

★ ★ ★

A mulher: — Reparaste como no
concerto de ontem a minha voz
enchia a sala?
O marido: — Reparei! Começou
muita gente a sair para lhe deixar
mais espaço...

★ ★ ★

Entre amigos:
— Em amor ha um ponto em
que não tenho razão de queixa...
— Qual?
— Na fidelidade! Minha mulher
já me fugiu três vezes e outras
tantas voltou para a minha com-
panhia...

★ ★ ★

— Antoninho, quantos premios
te deram este ano no colegio?
— Menos um que o ano passado!
— E quantos te deram o ano
passado?
— Deram-me um!...

★ ★ ★

Na mercearia:
— Diga-me: como se abre esta
lata de conservas?
— Da maneira mais facil! Se-
guindo as instruções que veem
dentro de cada lata...

★ ★ ★

Um homem terrível:
— Quando estou encolerizado,
não sei o que faço!
— E quando não estás, tambem
não sabes o que fazes...

★ ★ ★

O pai: — Não compreendo por-
que não anda o meu relógio. Te-
nho que o mandar limpar!
O filho: — Não é preciso papá!
Lavei-o esta manhã na agua do
banho...



— Ainda bem que o encontro. V. Ex. vai-me informar da si-
tuação de Espanha.
— Ora essa! Uma magnifica situação geografica.

O JULGAMENTO

O mui ilustre e conceituado advogado da nossa praça e dist. tíssimo senhor dr. Seperadião Ma-naças era tido como o mais bem falante da falange de advogados que habitam os diversos pontos deste globo.

Realizava-se um importantíssimo julgamento num tribunal. Tra-tava-se, nada mais, nada menos, — calculem! — dum homem que na melhor das intenções resolvera matar a mulher, os três filhos me-nores e limar os calos ao filho que usava o titulo de maior e vaci-nado.

Por acaso o homensinho foi preso e a mulher e os filhos incon-testavelmente mortos nomearam advogado para acusarem o terri-vel assassino. Foi o nosso doutor Seperadião nomeado para este es-pinhoso cargo.

Realizou-se o julgamento com o cerimonial do costume, a que as-sistiu muita gente.

Vieram primeiro as testemunhas de acusação, que disseram do des-graçado o pior possível, e depois as testemunhas de defesa, que dis-seram do desgraçado o melhor possível.

Das testemunhas de acusação, uma houve que mereceu do doutor Seperadião todas as atenções. O noso advogado não sympathisava nada com a testemunha de defesa do criminoso.

O advogado apertou o mais que pôde com a testemunha para a fazer cair em contradicções. A cer-ta altura, para convencer os juiz-es de que a testemunha era de pouca confiança, declarou:

— Senhores juizes, vejam que a testemunha tem uma cara de quem está mesmo a dizer que esteve na cadeia.

E, voltando-se para a testemu-nha, perguntou-lhe:

— Testemunha, diga: esteve ou não numa prisão?

E a testemunha, muito sincera-mente:

— Sim, sr. advogado, já estive na prisão.

E o advogado voltou-se triun-fante para os juizes e disse-lhes:

— Eu não me enganava, senho-res juizes. Este homem tem uma cara que não engana ninguém. Como podem vossas excellencias fa-zer confiança num homem que vem defender um criminoso e que já esteve preso.

O argumento era de facto con-vincente, mas o advogado, para melhor convencer os juizes, vol-tou-se para a testemunha e pre-guntou-lhe novamente:

— Vamos, diga porque já esteve na prisão.

E a testemunha, muito natural-mente, respondeu-lhe:

— Eu sou pintor e estive na prisão, a pintar uma cela para onde devia ir cumprir uma pena um advogado que ludibriou os clientes...

FERNANDO D'AVILA.



— E o teu marido?
— Morreu. E vê lá tu! Um ho-mem que fazia tudo tão devagar morreu de repente!...

Tac-Tac-Tac

Esta pequena historia, que eu vou contar agora, é muito verda-deira e bastante elucidativa do valor intrinseco das grandezas humanas, as quais, segundo Salo-mão, rei de todos os salmões, não valem um chavo. Ela ai vai, con-forme tal qual me foi contada por D. Felisminia Esquilfoza, senhora de muitas virtudes e alguns have-res.

D. Felisminia, que é a ultima ex-pressão da birra humana, confia- díssima, antipatiquíssima, igno-rantíssima e duma radical má-criação, não me contou esta sin-gela historia, nem para se entre-ter, nem para nos fazer rir. Con-tou-a por embirração; para dizer mal dos rapazes que nela entra-ram: a D. Felisminia nunca faz nada senão para contrariar os ou-tros (o estuporinho!). Mas como a historia tem certa graça, eu vou-lhes contá-la — e a D. Felisminia que se coce sózinha!

* * *

João Duarte, Manoel Lucas e Francisco Rijo resolveram um dia ir jantar ao *Bacalhau*, de Bem-fica. O que não lhes ficava mal, como todos concordarão.

Mas não tinham dinheiro. E, como sem dinheiro não se come, hoje em dia, João Duarte, Manoel Lucas e Francisco Rijo resolveram arranjar dinheiro, fôsse como fôsse.

E foi então que Manoel Lucas (que era o menos lucas de todos) resolveu o problema.

Deu uma saltada a casa do Pai Lucas (o Joaquim Januario Lu-cas, da casa Lucas & Fitas), s'ubtilisou-lhe delicadamente o velho fo-nografo *Pathé*, que exornava a sala-de-receber, e, triunfante-mente, veio trazê-lo aos seus amigos, a fim de que opinassem no desti-no a dar ao precioso objecto so-noro e decorativo.

Francisco Rijo, com firmeza, in-dicou a venda, pura e simples, do harmonioso e pequeno movel. Lu-cas pretendia, romantico e espe-rançoso, que realizassem alguns concertos populares nos bairros excentricos, recolhendo, com hu-milde satisfação, o obulo do ou-vinte accidental e ocioso.

Mas Lucas, tal como o seu ho-monimo do Evangelho, imperati-vamente optou por que «o puzes-sem no prego».

E assim foi. Puzeram o instru-mento numa casa de penhores, mediante a cautela necessaria, pela modica mas assaz importante quantia de 15 escudos.

Meteram-se no electrico e foram para o *Bacalhau*, donde, á meia-noite, regressaram conscienciosa-mente bebados.

Passaram-se oito dias; chegou um novo sabado e os três amigos encontraram-se de novo, talqual-mente sem vintem como na se-mana anterior.

— O que se ha de fazer? O que se não ha de fazer? — pergunta-ram os três amigos, lamentavel-mente coactos perante a evidencia da falencia de suas esperanças ri-sinhas.

Lucas voltou a ser o apostolo da verdade pratica e realizavel.

— O fonografo está no prego por uma ninharia! — exclamou, inspirado. — Aquela megera da casa de penhores da rua Luciano Cordeiro explorou-nos miseravel-mente! Vamos lá buscá-lo e pô-lo nou'tro prego que nos dê alguma

coisa de geito. Com a diferença já teremos o suficiente para a pan-dega.

— Mas com que dinheiro se ha de ir buscar o admiravel invento do grande Edison? — perguntou, profundo, Rijo, o mais culto dos três, com certa ufanía.

João Duarte (que nunca opiná-ra hipotese de vulto) lançou, en-tão, este conceituoso conselho:

— O Rijo, que é quem está mais vistoso de fato, despe o casaco e o colete, neste proximo vão-de-es-cada e espera com paciencia que voltemos com a massa. Nós vamos a um prego e empenhamos a in-dumentaria luxuosa. Com o di-nheiro resultante da operação re-tiramos o fonografo. Do remanes-cente resgataremos as roupas do nosso querido Rijo e, com o que ficar (que ainda ha de ser quan-tia de vulto) iremos outra vez ao *Bacalhau*.

A banda alegre aprovou a mo-ção de ordem de João Duarte e, num ápice, Francisco Rijo ficou em calças e camisa no vão-de-es-cada, enquanto os seus compa-nheiros iam buscar os 15 escudos para libertar o fonografo.

A mulhersinha do prego onde estava o fonografo recebeu-os ra-diante.

— Ora isto assim é que é ser ajuizado. Ainda bem! Uma coisa assim, tão boa, era uma pena ir para o leilão... Sim, que eles ago-ra não dão nada por isto, desde que os vendem novos, a presta-ções...

O Duarte e o Lucas ficaram sa-tisfeitissimos com as palavras da penhorista. E toca a ir a outro prego, empenhar o instrumento precioso por mais dinheiro.

No primeiro, onde foram, res-ponderam-lhes que não aceitavam *aquelas bugigangas*. O Lucas en-cordoou e foi, sózinho, a outro, já seu conhecido. «Que não, que não queriam aquilo para nada». E, as-sim, nos quatro prégos a que fo-ram, estafados e já comprometi-dos com a historia.

Vendo que ninguem queria acei-tar o fonografo, assentaram em voltar á velha que outr'ora tão bem os acolhera. Mas, qual! essa tambem se negou a aceitar o mal-fadado utensillo melodioso.

— Bem contente fiquei eu com vêr-me livre desse caco! — exclamou ela com descarada desenvol-tura.

Por ultimo, lá encontrar-m: um ferro-velho que lhes deu 9\$50 pelo fonografo, para não estar com mais discussões.

* * *

Ora, como os 9\$50 não chega-vam para resgatar o casaco e o colete do Francisco Rijo, que pa-cientemente esperava no vão-de-es-cada, após larga e salutar dis-cussão, resolveram os dois infeli-zes amigos ir jantar sózinhos ao *João do Grão* (Boulevard de la Paille), tendo previamente o cui-dado carinhoso de, pelo correio, enviar a cautela das vestes em-penhadas ao seu dedicado compa-nheiro, demonstrando assim os seus generosos sentimentos de ca-maradagem.

CYRANO DE VELHOFAC.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 118

BORBOLETAS

A Alice tem tido varios namo-ros, mas só a um entregou o seu coração.

Tarelas da mãe, conselhos das visinhas, opiniões das amigas, na-da a faziam desimaginar, nem mesmo depois de saber certas coi-sas a respeito da sua vida intima.

Namoraram-se um ano, mas quasi sempre zangados.

Um dia, recebeu uma carta ano-nima que dizia o seguinte:

«*Exm. Sr.:* — Não a conheço, nem me interessa conhecê-la (des-de já lho digo), mas sei que ha al-guem a quem a senhora perse-gue e incomoda mesmo, e, não satisfeita em fazer declarações, o que é triste para uma mulher, pro-cura falar-lhe.

«Esse senhor é educado o sufi-ciente para dizer-lhe qualquer coi-sa. A mim constou-me o que se tem passado, e eu como amigo quero vê-lo livre duma conquista-dora, pois ele é comprometido e não livre, como supõe. — I. P.»

A Alice, ao lêr a carta, pensou guardá-la, sem dizer coisa algu-ma. Mas momentos depois foi mostrá-la a uma hospeda — Con-ceição, se chama ella. Esta aconse-lhou-a a que lhe desse o maior des-prezo.

Assim foi.
Passado muito tempo, já a Alice estava quasi esquecida, disse-lhe uma amiga:

— Sabes quem escreveu uma re-vista? Foi o teu namorado. A *pre-miere* é na quarta-feira...

dades...
Na quarta-feira, lá estava a Ali-ce no teatro, acompanhada da Conceição, que era a sua con-fidente. A apoteose do 1.º acto era uma borboleta. Como é habito em dias de primeira, chamaram os au-tores.

Decorreu o 2.º acto; novos aplau-sos.

Alice, pelo caminho, não deu uma palavra. Só em casa, com os olhos razos de lagrimas, disse:

— Afinal, não sei a quem hei de dar ouvidos. A carta diiza... mas duvido... porque os homens dessa categoria tem azar ás borboletas!...

HORTENSE BORGES.



— Comprei-te hoje este colar de perolas, minha querida.

— Mas eu tinha-te pedido um *Automovei*.

— Sim, mas tu não sabes que não ha imitações de automoveis.

Transformações de Jolas

com desenhos e orçamentos gratis. Os melhores artistas. Oficinas próprias á vista do cliente. 99.999 mais barato porque se faz ao particular e preço sempre fabricatorio para todo o país.

JOALHARIA NORAIS, Rua Nova do Almada, 98 e 54 Tel. 1112

Os anos da Aninhas

Onde se passou o caso? Em Lisboa? No Porto? Não importa. Basta saber que o caso é verdadeiro.

Cinco personagens: Aninhas, uma cachopa de olhos bonitos; o Tiago Piano, homem de teres; o Pereira, o Levy e uma grafonola.

O Tiago Piano conquistara com uma certa facilidade a Aninhas, e puzera-lhe uma casa elegante nas Avenidas.

De começo, as coisas correram ás mil maravilhas, e a Aninhas esforçava-se por demonstra affectos. Depois, depois começou a enfastiar-se do amante, a arranjar discussões constantes, a ter birras e caprichos de criança amimada.

Com o aborrecimento, veio naturalmente o desejo de conhecer novos amôres. E entre os que lhe conheciam a casa, nas ausências do Tiago Piano, contava-se o Pereira.

Um dia, porém, farto de discussões, o Tiago zangou-se com a Aninhas. E o Pereira e outros continuaram a frequentar-lhe a casa.

Quasi todas as noites havia rasgada pandega na casa das Avenidas... E o dia de anos da Aninhas aproximava-se.

A Aninhas andava aborrecida porque, estando zangada com o Tiago, o dia de anos não devia correr lá muito bem... por faltas de dinheiro.

O Pereira, porém, resolveu festejar o grande dia. Combinou-o com a Aninhas e mais alguns rapazes das suas relações, um dos quais — o Levy — prometeu levar uma grafonola para que a festa decorresse mais animada.

Chegado que foi o dia do aniversário, o Pereira fez umas modestas compras e o Levy, com uma cara de parvo que lhe assentava que nem uma lufa, arranjou a grafonola.

A noite, o Pereira sabiu a escada. Bateu á porta. Ia para entrar, como de costume, mas a criada impediu-o, dizendo:

— A senhora fez as pazes com o Piano... Não entre...

Ante a perspectiva duma «data», o Pereira desceu a escada a sete pés. E quando chegava á porta deu de cara com o Levy.

— Para onde vai você com a grafonola?

— Lá para cima... Então?!...

— Não é preciso... Já lá está o Piano!...

Cronica dos tribunales

Compareceu no tribunal um homenzinho mal vestido e de modos tímidos. Proximo dele, a vítima, ou melhor, o representante da parte lesada.

O juiz, dirigindo-se ao réu:

— Emfim... Pelo visto, é seu habito... E' a quarta vez que prendem o réu pelo mesmo delicto... Entra nos melhores restaurantes, come e bebe como um lord e, quando lhe apresentam a conta, mostra as algibeiras vazias...

— Não é bem assim, sr. juiz. Eu, quando entrei no restaurante, pensava que tinha dinheiro...

— Sim, mas quando o gerente se prontificou a ir a sua casa para receber a importância da despesa, o réu furtou-se a isso?

— Sim, mas...

— Qual era o fato que vestia nesse dia?

— Este que trago.

O juiz, voltando-se para o queixoso:

— Como é que o senhor não desconfiou dum homem tão mal vestido?

O queixoso:

— V. ex.^a compreende: o habito não faz o monge.

— E foi muita coisa que o réu comeu?

— V. ex.^a não calcula... comeu do bom e do melhor... do mais caro que havia na lista...

O juiz:

— Bem. — E dirigindo-se ao réu:

— Tem alguma coisa a alegar em sua defesa?

— Tinha fome.

— Mas então porque não escolheu um restaurante mais modesto?

— V. ex.^a compreende... Não te-

nho coração para prejudicar os que teem tanto como eu...

— Porque não comeu menos?

— V. ex.^a queria que eu fôsse com fome para a cadeia?...

★ ★ ★

Outro julgamento:

— Como se chama?

— Antonio Pereira.

— E' casado?

— Não, senhor.

— Então é solteiro?

— Também não.

— E' divorciado?

— Não, senhor!

— Então é viuvo?

— Muito menos...

— Então qual é o seu estado?

— Estou junto...

★ ★ ★

Um brie-á-braquista comparece no tribunal, acusado de ter vendido um falso quadro de Risenbach.

O juiz:

— Mas o quadro era na verdade um Risenbach?

— Não sr. juiz.

— Quere então dizer que o senhor enganou o freguês.

— Também não, sr. juiz. Ninguém, que eu saiba, conhece um pintor de nome Risenbach... Foi uma blague.

— Pois sim... Mas essa blague deu ocasião a que o réu vendesse por alguns milhares de escudos um quadro que não valia dez?

— E' uma questão de comercio...

Se eu amanhã disser a v. ex.^a que tenho um quadro pintado por Camões, v. ex.^a acredita que o poeta tivesse pintado alguma vez?... Isto é tudo uma questão de bom comercio e nada mais. (Risos).

Prosa de Cha-Velho

Raras vezes nos temos referido á attitude da Sociedade Protectora dos Animais ante as corridas de touros de morte. E acreditamos na boa-fé com que as direcções da referida Sociedade combatem aquilo que reputam barbaridade, e que o é, de facto, no que aos cavalos se refere.

Mas, para nós, temos muitas vezes pensado no equivoco espantoso dos que imaginam que os touros sofrem menos sendo espicados mais duma vez e regressando ao campo com feridas abertas, do que sendo lidados num curto espaço de hora que termina com a morte, a morte que, afinal, acabam por sofrer no Matadouro.

Mas, porque não estamos dispostos a prégar no deserto, e porque não somos socios da Sociedade Protectora, preferimos deixá-la num erro que apenas prejudica os touros...

Se fossemos socios da Sociedade Protectora dos Animais — e bem podiamos sê-lo porque os protegemos na medida do possível — abdicariamos da nossa attitude, fazendo sentir á sua direcção que laborava em lamentavel erro.

E, se o referido erro fôsse mantido — em prejuizo manifesto dos touros — abdicavamos da nossa qualidade de socios da Sociedade.

Foi isto que fez o nosso amigo Julio Santos, filho do saudoso Alfredo Santos, do S. Luis.

Agora, pasmem os leitores da seguinte resposta que lhe foi dada pela direcção da Sociedade Protectora dos Animais:

«Acusamos a recepção do seu comunicado sem data, entregue hoje na secretaria desta Sociedade; congratulamo-nos com a resolução tomada, lamentando apenas que o não tivesse feito ha mais tempo, pois que, se tivéssemos tido conhecimento da ideia expandida no mesmo, teriamos já tido o prazer de o eliminar de socio desta agremiação.»

Pela direcção da Sociedade Protectora dos Animais, segue-se uma assinatura tão incompreensivel como a attitude da referida direcção.

Aos nossos leitores deixamos os comentarios que a «amavel cartinha» merece...

PEREZ LA CHAISE.

Conforme o freguez



— Para a senhora cabrito, e para o senhor cabeça de vitelo.

O proximo numero do

KINO

Sei lá!



— O senhor não se envergonha de estar a pedir para o Santo Antonio, como os petizes?...

— E' só enquanto o meu filho foi ali comprar uma pinga.

No Museu



— Diga-me uma coisa... Estes quadros são todos do mesmo autor?...

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua de Anjo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

ECOS DA SEMANA

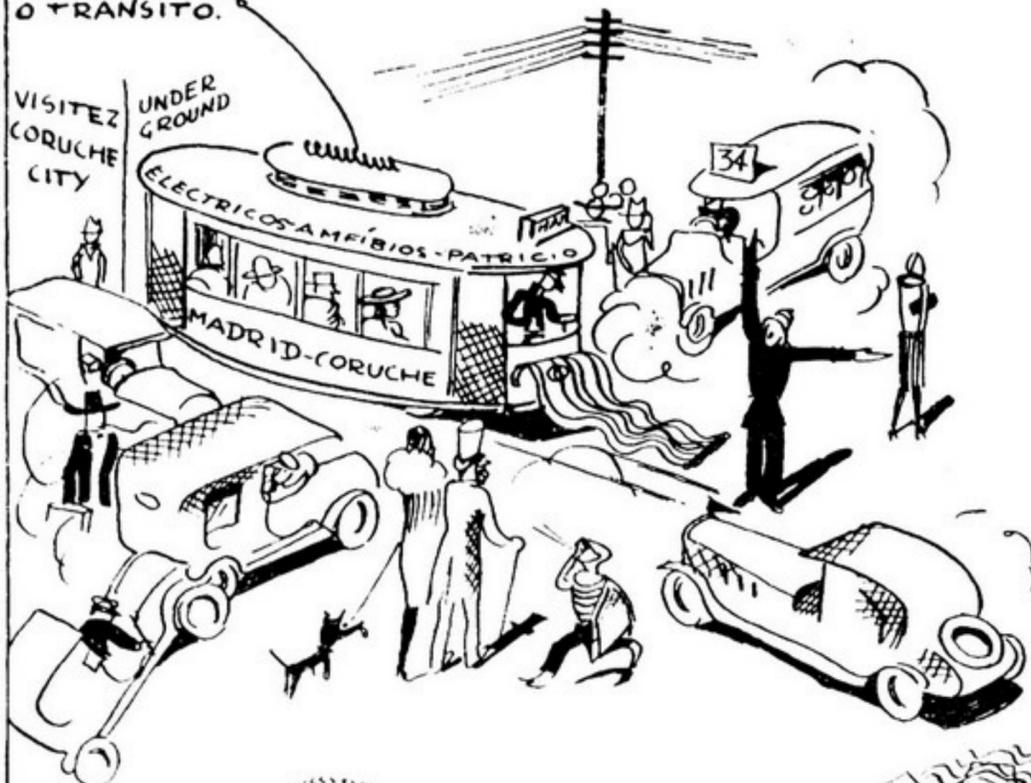
OS ALUNOS DAS BELAS ARTES EM "TRANVESTI" DE EVAS OFERECERAM A ADAÈS (BERMUDES) UM BANQUETE, LANÇAN DO-LHE NAS MAÇAS DO ROSTO ALGUMAS MAÇAS REINHENTAS



NÃO HA NENHUM CARIOCA QUE APÓS A UNIFICAÇÃO DA LINGUA, POSSA DESEMBARCAR SEM A MEDIÇÃO DA MESMA.



A SOMBRA DO CREDITO DE 20.000 CONTOS, EM CORUCHE TEM AUMENTADO, DESALMADAMENTE O TRANSITO.



O PATRIOTISMO DE ALGUMAS SENHORAS LEVOU-AS, DEPOIS DO APÊLO, A PASSAREM A ANDAR A PÊLO.



UM BRAVO AO FERNANDO COSTA



O PIANISTA RUBINSTEIN POLACO MAS NATURALISADO EM MUSICA ESPANHOLA



MAQUINA DE VIDRO
INVENTO CURIOSO DO ENGENHEIRO ANTONIO PEDRO - COMEÇOU A TRABALHAR.

ESTE SELO ESTA TÃO MODERNO QUE ATÉ PARECE UMA CAPA DO ALMANAQUE DA LEMBRANÇAS 1890

